

menção honrosa - 1º lugar

Pseudônimo: Landerlon

A segunda história

Jean Cláudio Faria
Graduando em Letras

Naqueles últimos dias, tinha esperanças de que ele se aproximasse e finalmente se apresentasse. O banco construído com inúmeras gotas de suor parecia ter encurtado a distância entre ambos, mas ele se mantinha o mesmo desde sempre: silencioso, imóvel. Quase não existia. Talvez, por isso, ela não se importasse tanto. Lógico que, no princípio, sentiu medo, principalmente ao imaginar que ele a pudesse estar observando há mais tempo do que havia percebido, posto que aos olhos não é difícil de se enganar.

Era depois da hora do almoço quando o notou ali pela primeira vez. O quarto era onde ficava a maior parte do tempo, sonhando acordada ou dormindo. Fechou a janela num impulso, assustada. Viver sozinha tinha seus assombros e a ameaça de um estranho era o mais comum, principalmente as pessoas da cidade sabendo quem ela era. Ou fora. Sem ter certeza se havia ou não partido, olhou por uma pequena greta. Continuava lá, agachado, como se nada houvesse acontecido. Permaneceria assim quase até o fim da tarde, quando a noite surgia por entre as árvores e uma chuva ameaçava cair. Da distância em que se encontrava, não conseguia perceber-lhe os detalhes, as linhas do corpo, os trejeitos. Num primeiro momento, pensou que talvez fosse mais um lunático que andava pelas redondezas sem oferecer perigo mas, observando-o com melhor atenção, parecia ser um jovem rapaz de pele clara, usando calça e uma camisa branca de longas mangas. Na noite daquele dia dormiu sem pensar nele.

No dia seguinte, à mesma hora, avistou-o outra vez. No mesmo lugar, na mesma posição, apenas com roupas diferentes. Gritou perguntando o que ele queria, mas o rapaz não lhe deu ouvidos e ela fechou a janela em seguida. Eram as mesmas cenas do dia anterior que se repetiam com surpreendente precisão. Por segurança, saiu do quarto e fechou a porta da frente, a única, e as outras duas janelas da casa. Casa pequena, mas aconchegante. Não tanto quanto deveria ser, pois faltaria sempre alguma coisa, alguém. Voltou para o quarto, pôs uma cadeira próxima à janela e, pela mesma greta da tarde anterior, ficou observando-o. Tão imóvel estava o estranho do lado de fora que era como se não existisse e, se não fosse a estranheza da situação, ela não estaria tão assustada.

Pensou em chamar a polícia, mas a alternativa foi abandonada quando se lembrou do quão distante estava do resto do mundo. Teria que se arriscar a passar pelo estranho. Melhor ficar ali. Tinha facas e uma velha espingarda em casa que talvez não cuspsisse mais nada, herança daquele que construíra o pequeno refúgio para passarem alguns poucos momentos juntos que deveriam ter se tornado eternidade.

Fazer planos para a eternidade, e só então ela se dava conta disso, era tão inútil como programar um jantar para determinada hora: nem um nem outro, nunca, dão certo. Em todos os momentos do seu dia, em cada segundo que perdia cumprindo a rotineira tarefa de espanar a poeira dos móveis envelhecidos, lembrava-se dele. Por diversas vezes pensou em deixar a casa, ir pra outra cidade. Desistia. Melhor conviver com a lembrança que fugir de si mesma. Não estava ali apenas por causa das lembranças dele: estava por causa de suas próprias lembranças pois, em cada cômodo, havia um pouco dela, partes que se desprenderam de si mesma e pairavam no vácuo de sua existência. Além disso, ninguém ali a incomodaria. Tinham nojo dela, como se portasse alguma grave doença desconhecida. Doze anos se passaram e a cidade ainda amaldiçoava seu nome. Talvez, se o destino houvesse lhe dado um filho que fosse... Lembrava-se que, quando o amante ainda era vivo e lhe mostrava a foto do garotinho de seis anos, que tinha medo do escuro e só dormia no quarto dos pais, sentia inveja. O menino parecia tanto com o pai que era como se olhasse para o próprio amante décadas antes de conhecê-lo. Só não tinha aquelas rugas na testa que, quando ficava nervoso ou preocupado, apareciam e lhe davam um ar assustador.

Despertou de suas lembranças apenas quando o desconhecido se levantou e partiu como antes, com o cair da noite, deixando-a sozinha outra vez. Era a noite que o assustava, não a chuva, pensou.

No dia seguinte, quando ele apareceu no mesmo horário, não se conteve. Ao invés de fechar a janela como nas tardes anteriores deu-lhe as costas e, tentando não demonstrar nervosismo, apanhou a velha espingarda e foi para fora, dando a volta na casa para surpreendê-lo. Não estava mais lá. Não havia sinal seu. Onde ele estivera ela vasculhou o local procurando não sabia o quê. Olhou ao redor, tentou enxergar através das árvores calmas. Nada. Foi quando pensou que ele poderia ter também dado a volta na casa pelo lado oposto e já estar do lado de dentro. Essa possibilidade a assombrou. Voltou correndo com a arma na altura dos olhos mirando o ar. Entrou, olhou atrás da porta, vasculhou os cômodos. Ele não estava ali. Foi para o quarto, olhou debaixo da cama. Quando se lembrou a janela ainda estava aberta, correu para trancá-la. Para sua surpresa o estranho estava no mesmo local de antes, imóvel.

Aos gritos, perguntou o que estava querendo, mas não ouviu de volta resposta alguma. Mirou em sua direção e esperou um tempo até que ele percebesse o perigo. Ao menos merecia uma chance de fuga. Ele nem se moveu. Só podia ser louco. Apertou o gatilho, ouviu apenas um “clique”. Nenhum som a mais, nenhuma explosão, e o rapaz não moveu um único músculo. Fechou a janela, a porta da frente e as outras janelas. Como na tarde anterior, esperou que o tempo passasse e o estranho se fosse com a tarde.

E ele passou a aparecer todos os dias. Não se aproximava, não dizia o que queria. Não sorria. Por precaução, deixava as outras janelas e a porta fechadas. Do quarto, não o observava mais pelas gretas: punha-se no parapeito, apoiava a cabeça sobre os braços e o ficava encarando. Parecia daquelas brincadeiras de criança quando se aposta quem pisca primeiro. Se era uma brincadeira ela sempre perdia. Quanto se cansava, tentava mostrar-se tão indiferente quanto ele, mas a sensação de estar sendo observada era terrível. Ao fim da tarde, era engraçado vê-lo se levantar com alguma dificuldade, com câimbras nas pernas e no resto do corpo.

Quando conheceu o único amante também foi à distância. Ele a observava de longe quando ela e a mãe, que a expulsaria de casa dois anos depois ao descobrir o romance proibido, faziam compras numa das quitandas da cidade. Usava um vestido que, embora longo, vez ou outra era vencido pelo

vento. Talvez isso o tenha atraído primeiro, pensou na época. Ela tinha apenas dezesseis anos, ele, um filho com seis e, ano e meio mais tarde, a mulher estaria grávida de uma criança que não nasceria. Culparam a jovem amante pela desgraça da esposa. O sofrimento ao saber que o marido a traía com uma menina teriam causado um traumático aborto voluntário.

Lembrou-se da existência de um binóculo velho, com uma das lentes quebradas, mas que poderia servir para alguma coisa. Custou a encontrá-lo mas, quando naquela tarde o rapaz apareceu e se agachou em frente à sua janela, ela pôde vê-lo melhor.

A lente que restara, apesar de bastante arranhada, ainda podia dar-lhe ao menos idéia da imagem do desconhecido. Como suspeitara, era um rapaz de pele clara, muito bonito e forte, que talvez não tivesse mais que vinte anos. Da distância em que estavam um do outro, ela tinha certeza de que o estranho sabia estar sendo observado de modo mais detalhado mas, como sempre, não demonstrou se importar. Ficaram a tarde inteira assim, um tentando vencer o outro, mas o desconhecido parecia uma estátua de pedra. A noite o levou consigo.

Dois dias depois, teve que sair para fazer compras na cidade. Uma vez por mês era preciso enfrentar os olhos dos outros. O rapaz já a estava observando no quarto e, depois de fechar a casa, ela não o viu mais naquele dia. Desapareceu novamente entre as árvores. Foi a única vez em que ele partiu mais cedo. Ainda temeu que a casa fosse invadida e lhe fosse roubado o pouco que possuía mas, estranhamente, o medo foi embora quando ela se lembrou de quanto tempo já estavam naquele estranho jogo. Se ele até o momento não fizera nada, não deveria ser seu inimigo. Era como se já se conhecessem, e assim aconteceu. Era como se retribuísse a confiança nele depositada.

Foi quando pensou em fazer um banco de madeira para ele. Ao menos estaria mais confortável. Quando o amante morreu, três dias depois de atirar contra a própria cabeça por se ver obrigado a deixá-la, ela teve que aprender a se virar sozinha. O machado passou a ser encarado como apenas mais um objeto pesado e domável, e percebeu não ser tão fraca assim. Na mata ao lado da casa apanhou troncos e pedaços de madeira. Na manhã do dia seguinte, uma hora antes de o rapaz aparecer, o banco já estava pronto e fixo bem em frente à janela, próximo o suficiente para que ela pudesse enxergá-lo sem precisar do binóculo.

Ele não se sentou no banco nos primeiros dias. Talvez sentisse receio. Permaneceu agachado, meio que desconfiado, enquanto ela o aguardava. Foi quando ela se lembrou de uma pequena questão: o que tanto ele observava se, em todos aqueles dias, ela jamais mostrou o corpo mesmo estando em seu próprio quarto? Não havia chegado aos trinta anos, era muito mais bonita que muitas mulheres da cidade, e seu corpo esguio chamava a atenção dos homens. Subitamente, a idéia de ter atraído ou ganho um coração àquela altura da vida, quando a muitas não se dá o direito do prazer, lhe agradara bastante. Decidiu avançar no jogo.

Temeu mais pelo acanhamento do outro do que pelo próprio, mas foi assim que ele se aproximou e sentou-se no banco. Ela estava nua. Tomara o cuidado de não se mostrar totalmente e a janela só a apresentava da cintura pra cima. Tinha certeza de que os seios à mostra o provocavam. Era um jogo de sedução quase inocente. Estavam longe de tudo e de todos, o que lhes permitia certas liberdades ainda inexploradas. E, sem roupa, aproximou-se mais da janela com o binóculo na mão, tentando enxergar ao menos um movimento de sobranceiras.

Ela não sabia ao certo, mas o rosto daquele belo e forte rapaz, agora perfeitamente nítido, não lhe era de todo estranho. Talvez fosse mesmo algum dos rapazes da cidade, imaginou, mas a memória não lhe ajudou em nada. Também não percebeu nenhum ar de surpresa naquele rosto tão impassível e frio quanto antes, apenas mais próximo.

Nos dias seguintes não se despiu mais. Não poderia se arriscar de tal maneira. Na verdade, guardava para si um pouco de arrependimento. Mas o rapaz continuou a se sentar no banco, como se esperasse que as mesmas cenas do dia anterior se repetissem. E ficavam ali, o dia inteiro, trocando olhares quase imóveis.

Para ela, era uma forma de matar o tempo. Pensou em convidá-lo para entrar e conversar um pouco mas, se ele assim o quisesse, já teria se oferecido. Percebeu que o desejava. Sonhava com o rapaz à noite, e nas horas que antecediam sua chegada esperava-o com ansiedade desmedida, percorria o corpo com as próprias mãos e tentava fingir que eram as dele. Talvez ainda houvesse tempo de viver uma segunda história de amor, mas era preciso atraí-lo para si: se um par de seios o aproximara, o que um corpo inteiro não faria?

Certa vez, tão logo ele chegou, saiu da janela e foi ao banheiro. Não fez nenhum sinal pedindo que lhe aguardasse. Sabia que o encontraria na volta.

Tomou um banho fápido, e antes de voltar para o quarto foi até a porta da frente e a abriu. Subiu na cama ainda enrolada na toalha e, para o rapaz que permanecia estático, foi se despindo. Mostrou-se para um homem como não fazia havia tempos, com a desculpa de estar se secando de um banho. Lentamente passava a toalha pelo corpo, pelos seios, por entre as pernas. Por último, enxugou os cabelos que ainda pingavam a água morna e, ao tirar a toalha da frente dos olhos, deu-se conta de que ele não estava mais lá. Assustada pensou que o houvesse espantado e não mais o veria. Enrolou-se na toalha, desceu da cama. Preparava-se para vestir a roupa quando ouviu passos na cozinha vindo em sua direção.

Foi para a porta do quarto e esperou. Estava ofegante. Era uma mistura entre medo e desejo que se confundiam de tal forma que eram inseparáveis. Ele vinha devagar como se fizesse a sua parte no jogo e, quando entrou no quarto, a testa marcada pelas rugas do ódio, carregando na mão algo que ela só distinguiria exatamente após o primeiro estrondo, lembrou-se de onde conhecia aquele rosto e percebeu porque o rapaz sempre partia com o cair da noite.

– Agora eu sei porque meu pai enlouqueceu.

Foram duas balas, uma para cada história.